



Desafios e Perspectivas da Equidade na Academia: Uma Resenha de "Mulheres na Ciência"

Challenges and Perspectives of Equity in Academia: A Review of "Women in Science"

*Carla Jorge Machado*¹

RESUMO

A presente resenha traz uma crítica à obra "Mulheres na Ciência: O que mudou e o que ainda precisamos mudar" (2024), organizada por Leticia de Oliveira e Tatiana Roque. O livro reúne 11 pesquisadoras e uma entrevistada para diagnosticar as desigualdades de gênero e raça no ecossistema científico brasileiro. A análise perpassa dados estatísticos sobre o "efeito tesoura", a neurociência do viés implícito, a interseccionalidade racial, os impactos da maternidade e iniciativas de base, culminando em manuais práticos para mitigação de vieses em editais e seleções. Conclui-se que a obra é um instrumento fundamental para a transformação institucional da academia.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero na Ciência. Viés Implícito. Interseccionalidade. Políticas Públicas. Academia Brasileira.

ABSTRACT

This review critiques the book "Mulheres na Ciência: O que mudou e o que ainda precisamos mudar" (2024), organized by Leticia de Oliveira and Tatiana Roque. The book brings together 11 researchers and one interviewee to diagnose gender and racial inequalities in the Brazilian scientific ecosystem. The analysis covers statistical data on the "scissors effect", the neuroscience of implicit bias, racial intersectionality, the impacts of motherhood, and grassroots initiatives, culminating in practical manuals for mitigating biases in calls and selections. It is concluded that the work is a fundamental instrument for the institutional transformation of academia.

KEYWORDS: Gender in Science. Implicit Bias. Intersectionality. Public Policies. Brazilian Academia

* * *

¹ Carla Jorge Machado. Docente do Programa de Pós-graduação (Mestrado Profissional) em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência (PSPV) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. E-mail: carlajm@ufmg.br

Introdução

A obra "Mulheres na Ciência: o que mudou e o que ainda precisamos mudar" (2024), organizada por Leticia de Oliveira e Tatiana Roque, analisa o estado recente da desigualdade de gênero e raça no ecossistema científico brasileiro. O livro contou com a colaboração de 11 pesquisadoras de diferentes áreas, além da economista Hildete Pereira de Melo, entrevistada na abertura da obra. Na apresentação, as organizadoras situam o leitor sobre a expansão do acesso à universidade no Brasil (via cotas e Reuni) e o contraste com a permanência de elites masculinas nos espaços de poder, apresentando a obra como um "livro-movimento" que convida à continuidade do debate e à ação institucional.

O primeiro capítulo consiste em um registro histórico fundamental. Na entrevista conduzida por Tatiana Roque, Hildete Melo narra a criação do "Programa Mulher e Ciência" em 2005 e introduz conceitos vitais, como a "carreira da menopausa" — a ideia de que mulheres cientistas frequentemente atingem o auge produtivo apenas quando os filhos crescem. A economista discute a divisão sexual do trabalho, explicando como a socialização feminina para o "cuidado" impacta a escolha de carreiras e a produtividade acadêmica.

No segundo capítulo, Tatiana Roque traça um panorama quantitativo da ciência brasileira. Utilizando dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Plataforma Lattes, a autora aponta que, embora as mulheres sejam maioria na pós-graduação (55,4% em 2023), elas passam por um drástico "efeito tesoura" e enfrentam um "teto de vidro" ao buscar bolsas de produtividade (PQ) e cargos de liderança. Os conceitos se interconectam: o efeito tesoura (interrupção ou desaceleração da carreira durante os anos de formação da família) gera lacunas no currículo que as organizações usam para justificar a não promoção

da mulher, culminando no teto de vidro. O capítulo baseia-se na teoria da historiadora Londa Schiebinger para dividir a desigualdade em três níveis: números (representatividade), cultura (hábitos excludentes) e epistemologia (viés nos resultados da ciência, exemplificado pela primatologia e pelo mito do "homem caçador").

A análise do cenário brasileiro evidencia a segregação vertical e horizontal. As mulheres estão concentradas em áreas de "Cuidado" e sub-representadas em áreas de prestígio tecnológico (STEM – *Science, Technology, Engineering and Mathematics*). A desigualdade é ainda mais profunda quando cruzada com o marcador de raça. Levantamento do movimento *Parent in Science* (2023) revela que homens brancos detinham 46,5% das bolsas PQ totais, enquanto mulheres pretas e indígenas representam frações ínfimas, chegando a 0% no nível 1A (o topo da carreira).

O terceiro capítulo, de autoria de Fátima Smith Erthal, Leticia de Oliveira e Karin da Costa Calaza, traz uma abordagem biológica e cognitiva para o preconceito. As autoras explicam o viés implícito (associações automáticas e inconscientes) e a ameaça do estereótipo (fenômeno psicológico onde o medo de confirmar um estereótipo negativo consome a memória de trabalho e piora o desempenho). O capítulo desmistifica a ideia de "meritocracia pura", e explica como o cérebro de avaliadores pode ser treinado para desvalorizar currículos de mulheres e negros, mesmo na presença de dados objetivos idênticos. Estudos citados mostram que, a partir dos 6 anos, meninas já associam "brilhantismo" ao gênero masculino, e que avaliadores atribuem notas maiores e salários mais altos a currículos fictícios idênticos, bastando mudar o nome de feminino para masculino.

Avançando na discussão interseccional, o quarto capítulo, elaborado por Ana Lúcia Nunes de Sousa, Lohrene de Lima da Silva, Luciana Ferrari Espíndola Cabral e Mariana da Silva Lima, foca na invisibilidade da mulher negra na

academia. As autoras destacam que doutoras negras somam cerca de 3% dos docentes em programas de pós-graduação. Para enfrentar esse racismo que existe de forma permanente na sociedade, o capítulo apresenta os projetos de extensão "Mulheres Negras Fazendo Ciência" e "As incríveis cientistas negras", que atuam na divulgação científica, letramento racial e formação de jovens periféricas, demonstrando como a representatividade funciona como ferramenta de resistência.

A questão da maternidade é aprofundada no quinto capítulo, por Fernanda Staniscuaski, Gisele Camilo da Mata e Leticia de Oliveira. As autoras discutem a "penalidade da maternidade" e como o modelo rígido de *pipeline* acadêmico — estruturado no século XIX para um homem com esposa cuidando de sua vida doméstica — exclui as mães. O capítulo destaca o papel do movimento *Parent in Science* na conquista de políticas como a extensão de prazos de produtividade para cada parto ou adoção, propondo uma recalibração das métricas de sucesso para incluir o equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

Por fim, o sexto capítulo, de Thereza Cristina de Lacerda Paiva, aborda as dificuldades específicas das mulheres nas áreas STEM (Ciências Exatas). A autora relata a experiência do projeto "Tem menina no circuito", que atua em escolas públicas para despertar o interesse de meninas por exatas através de atividades lúdicas e da criação de espaços seguros. O texto evidencia que a falta de interesse muitas vezes não é pelas exatas em si, mas pelo Ensino Superior, e que a inclusão social pela ciência é uma via de mão dupla para a transformação de realidades periféricas.

A obra se encerra com dois Apêndices fundamentais que transformam a teoria em prática institucional: manuais com recomendações para evitar vieses implícitos em editais de financiamento e em processos seletivos. As recomendações incluem a criação de comitês diversos, o uso de linguagem

neutra, a compensação de pausas na carreira (como a licença-maternidade) e a estabelecimento de critérios objetivos prévios.

Em suma, "Mulheres na Ciência" destaca-se por sua multidisciplinaridade e por não se limitar à denúncia. Ao integrar a visão histórica, a análise de dados objetivos com indicadores numéricos, a neurociência do preconceito, a urgência racial e a prática em sala de aula, o livro oferece um "manual de instruções" para que instituições de fomento e universidades implementem políticas de equidade reais. É uma leitura obrigatória para gestoras(es) da ciência, avaliadoras(es) e para qualquer pessoa que deseje compreender e atuar na desconstrução das barreiras que impedem a plena participação feminina e negra na produção do conhecimento. Obras como a de Oliveira e Roque (2024) reafirmam que a ciência inclusiva não é apenas uma questão de justiça social, mas uma necessidade para a inovação e o progresso científico, evitando que vieses e exclusões limitem a capacidade da humanidade de compreender e transformar o mundo.

Referências

OLIVEIRA, Leticia; ROQUE, Tatiana (Org.). *Mulheres na Ciência: o que mudou e o que ainda precisamos mudar*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2024.

Recebido em julho de 2026.
Aprovado em setembro de 20XX.